

Redes de informadores e tipos de fontes nas *Décadas da Ásia* de Diogo do Couto

RUI MANUEL LOUREIRO *

A biografia de Diogo do Couto foi objecto de diversas abordagens, de modo que não me irei debruçar sobre ela. Bastará lembrar que durante os anos de residência na Índia, sobretudo nas suas duas últimas décadas de vida, Diogo do Couto desenvolveu uma intensa actividade literária, produzindo uma vastíssima obra de natureza essencialmente historiográfica.

- Por um lado, preparou um conjunto de textos ‘menores’, onde se podem incluir as duas versões do *Diálogo do Soldado Prático*, um desaparecido *Comentário d’Os Lusíadas*, o *Tratado dos Gama* (1596), um também desaparecido *Epílogo da História da Índia* (1608), a *Vida de D. Paulo de Lima Pereira* (1611), variadíssimas peças oratórias pronunciadas por ocasião da recepção em Goa de governadores e vice-reis ou em outras ocasiões memoráveis, e ainda algumas relações de naufrágios célebres.
- Por outro lado, entre 1596 e 1616, Couto foi responsável pela redacção de nove *Décadas da Ásia*, volumosas crónicas, que abarcam os principais empreendimentos portugueses nas partes

R. M. Loureiro & M. A. Lima Cruz (ed.), *Diogo do Couto História e Intervenção de um Escritor Polémico* (Famalicão: Húmus, 2019), pp. 57-70 (ISBN 978-989-755-403-2).

* Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes; CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores.

do Oriente, desde o Cabo da Boa Esperança até ao longínquo arquipélago do Japão, durante o longo período de tempo compreendido entre 1526 e 1600.

Uma análise aprofundada dos problemas intertextuais levantados pelas *Décadas* permite o estabelecimento de diversos pressupostos que valerá a pena esboçar brevemente.¹

1. Diogo do Couto foi desde muito cedo um persistente colecionador de documentos relacionados com a presença dos portugueses no Oriente. Talvez o trabalho de elaboração do *Comentário d'Os Lusíadas*, que lhe foi encomendado por Luís de Camões, na ilha de Moçambique, em 1569, tivesse despertado uma já latente vocação historiográfica. Mas o que é um facto é que, praticamente desde os seus primeiros anos de vivência asiática, Couto começou a recolher depoimentos de homens de acção, cópias de cartas e de alvarás oficiais, relatos de feitos heróicos e de viagens singulares, e descrições de povos e de terras exóticas. Aliás, só assim se explica que tenha solicitado da Coroa lusitana a nomeação para o cargo de cronista das *coisas da Índia* desde 1589.
2. Uma vez oficialmente incumbido da redacção da *crónica da Índia*, Diogo do Couto trabalhou a um ritmo verdadeiramente alucinante, só explicável pela sistemática utilização de materiais por ele anteriormente preparados ou pelo abundante recurso a textos alheios. O confronto sistemático entre as nove *Décadas* coutianas e um vasto leque de materiais coetâneos ainda hoje existentes permite concluir, sem qualquer sombra de dúvida, que o cronista procedeu muitas vezes como mero compilador de textos preparados por outros autores. Umhas vezes, limitou-se a transcrever de forma literal esses textos; outras vezes, parafraseia-os ou reordena-os, reconstruindo uma prosa aparentemente inovadora a partir de materiais pré-existentes. Em muitos casos, as fontes a que

¹ Baseio-me aqui em Rui Manuel Loureiro, "Intertextualidades orientais: relatos de viagens e relações de naufrágios nas *Décadas* de Diogo do Couto", in Ana Paula Laborinho, Maria Alzira Seixo & Maria José Meira (eds.), *A Vertigem do Oriente: Modalidades Discursivas no Encontro de Culturas* (Lisboa / Macau: Edições Cosmos / Instituto Português do Oriente, 1999), pp. 45-60; para mais desenvolvimentos, ver também Rui Manuel Loureiro, *A biblioteca de Diogo do Couto* (Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998), onde poderão ser encontradas extensas referências bibliográficas.

recorre são devidamente referenciadas nas páginas das *Décadas*; noutros casos, a respectiva utilização pode ser deduzida a partir de coincidências textuais mais evidentes; e noutros casos ainda, apenas a existência de discursos dissonantes aponta para o recurso a elementos externos. Não é improvável, entretanto, que alguns dos empréstimos textuais efectuados por Couto continuem a passar despercebidos.

3. O cronista lusitano, para além de ter tido acesso às fontes arquivísticas conservadas na Torre do Tombo goesa, que utilizou liberalmente, parece ter reunido um alargado espólio de materiais manuscritos do mais variado teor e da mais diversa proveniência, dispondo ainda, complementarmente, de um importante conjunto de títulos impressos, mais ou menos relacionados com as temáticas dos seus muitos escritos. As *Décadas* coutianas, assim, podem hoje ser encaradas como uma verdadeira colectânea de fontes dispersas, onde, para além de trechos atribuíveis ao próprio Couto, encontramos vestígios de uma assombrosa multiplicidade de textos tomados de empréstimo a outros autores, uns mais ou menos fielmente copiados, outros mais ou menos criativamente reformulados. A título de curiosidade, pode avançar-se que nas crónicas coutianas se detectam vestígios da utilização efectiva de pelo menos 123 títulos distintos.
4. Diogo do Couto era, sem dúvida, um infatigável compilador. Contudo, era também algo desleixado nos seus métodos de trabalho, pois é possível detectar numerosos lapsos de transcrição e de cópia ao longo das páginas das suas *Décadas*. De tal modo que, muitas vezes, a existência deste tipo de erros pode servir para constatar a efectiva utilização de uma determinada fonte. Outras vezes, os diferentes textos que compõe uma dada *Década* são interligados de forma deficiente, criando problemas de articulação textual e dando mesmo origem a aparentes contradições ideológicas. Diogo do Couto segue às vezes tão fielmente a sua fonte, que é possível deduzir que as opiniões que emite não são da sua responsabilidade. O leitor atento da prosa coutiana rapidamente se aperceberá da existência de vozes dissonantes no interior de uma mesma *Década*, facto que pode ser facilmente explicado pela utilização que o nosso cronista faz de textos alheios, sem se preocupar com a respectiva adaptação e/ou atribuição.

Diogo do Couto, portanto, recorreu regularmente a um vasto conjunto de fontes durante a composição das *Décadas da Ásia*. Ora, os feitos ultramarinos dos portugueses, como é bem sabido, desenrolavam-se num vastíssimo espaço geográfico que se estendia desde a Península Ibérica até aos confins mais remotos da Ásia Oriental e arquipélagos adjacentes, espaço esse através do qual se deslocavam incessantemente homens e navios lusitanos, desenvolvendo múltiplas actividades relacionadas sobretudo com o comércio, a diplomacia, a guerra e a missão. Logicamente, Couto, no vasto labor de compilação a que meteu ombros, teria de dedicar alguma atenção à chamada *literatura de viagens* – entendida na sua forma mais singela, como um conjunto relativamente amplo de textos que se constroem em função de um concreto itinerário espacial, seja ele marítimo ou terrestre, independentemente da respectiva elaboração literária.

Um levantamento exaustivo efectuado nas *Décadas da Ásia*, a partir da única edição completa até hoje publicada (a da Régia Oficina Tipográfica, datada de 1778-1788), permitiu identificar um larguíssimo conjunto de títulos que inequivocamente se podem incluir no campo da literatura de viagens. Vejamos uns quantos exemplos ilustrativos.

- i) Ao relatar os sucessos e insucessos portugueses na Abissínia, e nomeadamente a viagem de D. Rodrigo de Lima, Couto procura inspiração na *Verdadeira Informação das Terras do Preste João* do Pe. Francisco Álvares (n. 1), religioso português que acompanhou a expedição [4,1,4-5; 7,1,8].² Umás vezes copia quase textualmente esta fonte, chegando ao ponto de apresentar como suas palavras piedosas que pertencem de forma óbvia ao religioso português; outras vezes reescreve os trechos pedidos de empréstimo, dando-lhes uma aparência renovada, sem, no entanto, se afastar do original. Alguns indícios textuais permitem supor que Couto consultou a versão italiana da obra que foi incluída no primeiro volume das celebérrimas *Navigazioni et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio, publicado em Veneza em 1550.
- ii) Na *Década 4*, ao fazer uma longa e bem informada digressão histórica e geográfica a propósito do reino de Cambaia, Couto menciona de passagem “Arriano Author Grego no tratado que fez sobre aquella navegação” [4,1,7]. Estava a referir-se ao chamado

² As *Décadas da Ásia* são referenciadas de forma abreviada, com indicação de década, livro, capítulo ou década, capítulo.

- Périplo do Mar Roxo*, relação de viagens atribuída vulgarmente a Flávio Arriano de Nicomédia (séculos I-II), que voltará a citar e a utilizar em outras das suas *Décadas* [5,7,5-8; 6,4,1-4]. Este título figura igualmente no já referido primeiro volume das *Navigatio- ni et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio.
- iii) A *Década 4*, a determinada altura, inclui algumas notícias sobre a ilha de Java. Entre outras fontes mencionadas, Couto recorre a duas populares relações de viagens medievais: o *Livro* de Marco Polo e o relato de “Nicoláo Conti Venezeano” [4,3,1]. O cronista deveria ter aqui recorrido novamente à colectânea *Navigatio ni et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio, pois na primeira edição do primeiro volume figurava o “Viaggio di Nicolo di Conti Venetiano” (n. 15), enquanto na primeira edição do segundo volume, datada de Veneza, 1559, aparecia o “Viaggi di Messer Marco Polo” (n. 28). Ambos os relatos serão repetidamente utilizados ao longo das diversas *Décadas da Ásia* [4,3,2-4; 4,9,6; 4,10,1; 5,8,12; 12,5,7], sempre a partir da edição ramusiana.
- iv) Em dada ocasião, a propósito de Ormuz, Diogo do Couto descreve a aventureira viagem realizada por António Tenreiro desde aquela ilha até Portugal, onde chegou em 1529, para grande surpresa dos seus conterrâneos, que pela primeira vez assistiam à chegada de um português regressado do Oriente pela via do Levante [4,5,7]. Embora se notem no texto coutiano indícios de recurso a outras fontes, existem óbvias relações intertextuais entre a prosa do cronista e a versão impressa do *Itinerario* de António Tenreiro (n. 34), que deveria estar disponível em Goa em finais do século XVI.
- v) Um dos livros da *Década 4* contém uma longa exposição sobre a origem e princípio dos mogores, ao longo da qual são citadas algumas autoridades clássicas [4,10,1]. Por um lado, Couto refere-se a Flávio Josefo (século I) e a Beroso (séculos IV-III a.C.), antigos autores cujos escritos estavam assaz difundidos na Europa quinhentista. Mas estas referências são superficiais, mera exibição de cultura livresca, e a sua origem pode ser encontrada nas páginas da *Chorographia* de Gaspar Barreiros, conhecido relato de viagens europeias, impresso em Coimbra em 1561 (n. 7), que o prolixo cronista decerto conhecia bem.
- vi) Em várias ocasiões distintas, Diogo do Couto refere-se a Ruy González de Clavijo, embaixador espanhol que nos primeiros anos do século XV visitou a corte de Tamerlão, em Samarcanda, na Ásia Central [4,10,2; 5,1,13; 6,5,5]. É bastante provável que o autor das *Décadas* tivesse consultado uma edição da *Vida del Gran Tamerlane* (n. 20), publicada em Sevilha por Gonzalo Argo-

- te de Molina, na qual se podem encontrar as versões originais de muitas das notícias que transmite a respeito dos tártaros.
- vii) A *Década 5* inclui a dado passo interessantes observações sobre uma armada otomana que em certa época foi enviada de Suez contra a praça portuguesa de Diu [5,2,7; 5,3,5]. Diogo do Couto, mais uma vez, recorre à colectânea de Giovanni Battista Ramusio, que no primeiro volume inclui o “Viaggio scritto per un Comito Venetiano” (n. 39), que o cronista, aliás, reconhece explicitamente ter utilizado, pois afirma que “hum comitre destes Venezianos fez hum roteiro de toda esta viagem, dia a dia, a quem nós em muitas coisas seguimos, porque escreveo como testemunha de vista” [5,2,7].
- viii) Algumas das mais curiosas referências intertextuais das *Décadas* coutianas dizem respeito a “hum curioso tratado” sobre o Estreito de Babelmandebe e sobre Suez, preparado por D. João de Castro [5,7,5-8]. Trata-se evidentemente do *Roteiro do Mar Roxo*, que na época ficou inédito, mas que aparentemente conheceu alguma divulgação sob forma manuscrita, depois de ter sido preparado em 1540 pelo célebre humanista e homem de armas português (n. 14), que no final da sua vida foi governador do Estado da Índia. Couto utiliza várias vezes esta obra, dela transcrevendo largos extractos e, sobretudo, dela retirando alguns passos eruditos [5,7,9; 6,6,9].
- ix) A *Década 6* inclui um circunstanciado relato do naufrágio do galeão *São João*, ocorrido numa viagem da Índia para Portugal em 1552 [6,9,21-22]. O cronista limita-se a transcrever, com ligeiríssimas adaptações, uma das edições do anónimo relato *Historia da muy notauel perda do Galeão grande sam João* (n. 22), que apareceu impresso pela primeira vez em Lisboa, por volta de 1555, e que mais tarde veio a ser integrado no primeiro volume da bem conhecida *História Trágico-Marítima* compilada por Bernardo Gomes de Brito, publicada em Lisboa, em dois volumes, em 1735-1736.
- x) Na *Década 7*, cuja segunda versão foi concluída em 1603, mas impressa apenas em 1616, Diogo do Couto debruça-se sobre a famosa cristandade do Malabar [7,1,1-2]. Em determinados passos, parece transcrever extractos da *Jornada do Arcebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Menezes as Serras do Malavar*, de Frei António de Gouveia (n. 21), obra que saiu dos prelos em Coimbra em 1606. Teria consultado uma versão preliminar, ainda manuscrita desta obra, uma vez que coincidiu com o seu autor em Goa? Ou voltou a reformular o texto desta *Década* antes da respectiva edição?

Esta enumeração poderia continuar mais ou menos indefinidamente, não só porque as *Décadas* são extensíssimas, mas também porque Diogo do Couto se compraz em citar dezenas e dezenas de outros títulos e autores, não só no seu afã de proporcionar ao leitor uma panorâmica informada dos feitos orientais dos portugueses, como também numa clara estratégia de consolidação erudita do seu discurso. Bastará referir, a título de mera curiosidade, que nas páginas das crônicas coutianas são explicitamente referidos nada menos de 116 autores distintos, oriundos das mais diversas proveniências históricas, geográficas e culturais. Os exemplos convocados, aliados aos muitos outros que se poderiam citar, permitem concluir que Diogo do Couto era um verdadeiro aficionado da *literatura de viagens*, leitor assíduo de itinerários e de relatos de jornadas terrestres, assim como de roteiros marítimos e de relações de naufrágio. Além do mais, Couto procurava amiúde entrevistar protagonistas de jornadas aventurosas, complementando desta forma as informações recolhidas em fontes textuais.

Entre as muitas dezenas de informadores orais explicitamente citados nas páginas das *Décadas*, muitos tinham tomado parte em viagens ou em naufrágios que por um ou outro motivo haviam adquirido certa celebridade. Vejamos apenas alguns exemplos.

- Um tal Gabriel Polaco relatou ao cronista as largas deambulações que durante mais de quinze anos efectuara pela Ásia Central, antes de se fixar em Goa [5,8,11].
- Simão Fernandes e Diogo Dias forneceram a Diogo do Couto substanciais pormenores sobre a expedição de D. Cristóvão da Gama à Etiópia, na qual haviam tomado parte [5,10,4].
- Frei Agostinho de Azevedo, missionário com larga experiência oriental, relatou ao autor das *Décadas*, oralmente e por escrito, muitas das suas deambulações pela Pérsia e pelo Ceilão [10,4,1-2, por exemplo].
- António Toscano, antigo mercenário português, falou-lhe das suas aventurosas vivências no Pegu e em Arracão [10,1,10].
- Diogo Rodrigues Caldeira, sobrevivente do naufrágio da nau *Santiago* ocorrido em 1585, contou a Couto os principais sucessos da trágica viagem [10,7,1-3]. E assim sucessivamente.

A exploração da obra de Diogo do Couto, como se pode constatar, longe de estar esgotada, continua aberta às mais diversas aproximações. E a questão das *fontes* utilizadas pelo cronista não será dos temas menos interessantes, uma vez que a respectiva identificação permite avaliar a

originalidade do discurso coutiano, esclarecer a extensão da sua formação intelectual e desvendar as características do seu método de trabalho. Ao mesmo tempo, uma investigação deste género contribui para iluminar aspectos pouco estudados das práticas culturais dos portugueses no Oriente, na segunda metade do século XVI e primeiros anos da centúria imediata, e nomeadamente a nível de hábitos de leitura e de escrita, de formas de circulação de obras manuscritas e impressas, de modelos de convivência e debate intelectual, etc. No fundo, é todo um mundo cultural que se pode entrever através de uma aparentemente anódina enumeração de obras consultadas por um cronista ultramarino, sediado na longínqua cidade indo-portuguesa de Goa.

Em jeito de conclusão, gostaria agora de alinhar algumas considerações a respeito das relações intertextuais existentes entre as *Décadas da Ásia* e a chamada *literatura de viagens*. Diogo do Couto, parece evidente, era um leitor bem informado, pois conheceu bem, e utilizou ainda melhor, grande parte dos relatos de viagem e das relações de naufrágio disponíveis no seu tempo e pertinentes para a composição da sua obra cronística. Assim, descontando uma ou duas obras actualmente desconhecidas (ns. 10 e 24) e algumas outras cuja utilização não é completamente segura (ns. 11, 13, 16 e 27), pode afirmar-se que o cronista lusitano consultou e/ou recorreu a pelo menos 31 escritos de viagem distintos, da mais diversa proveniência (manuscritos ou impressos, antigos, medievais ou modernos). Evidentemente, utilizou-os das mais variadas formas.

- a) Alguns desses escritos, como o *Itinerario da Terra Sancta* de frei Pantaleão de Aveiro (n. 6) ou o curiosíssimo tratado *De missione Legatorum Japonensium* do padre Duarte de Sande (n. 32), merecem-lhe apenas referências passageiras, não totalmente explícitas, nas quais se podem detectar traços de exibicionismo literário, ou talvez indícios de uma tentativa de estabelecimento de cumplicidades com os leitores mais ilustrados.
- b) Outros escritos, como a relação preparada por Stephen Burroughs sobre a viagem de Sebastião Caboto (n. 9) ou o *Itinerario* de Ludovico Varthema (n. 35), que figuram na colectânea de Giovanni Battista Ramusio, são explicitamente citados, embora não sejam aproveitados. Aqui, talvez, estamos verdadeiramente diante de um estratagema de afirmação erudita, pois os títulos em questão são relativamente especializados e de acesso algo complicado, pretendendo Couto apenas alardear leituras mais ou menos exóticas, que nem sequer eram especialmente pertinentes para os seus objectivos cronísticos.

- c) Um terceiro grupo de escritos, como os relatos de viagens de Arriano de Nicomédia (ns. 4 e 5) ou de Marco Polo (n. 28) são objecto de brevíssimas transcrições, que denotam um claro manuseamento da parte de Couto. A remissão para este tipo de autores, normalmente, visa estabelecer um claro confronto entre as informações por vezes deficientes fornecidas por antigos escritores e as notícias em primeira mão, logo, mais actualizadas, recolhidas pelos portugueses nas suas incessantes andanças pelas partes do Oriente.
- d) Outros títulos ainda, como a *Chorographia* de Gaspar Barreiros (n. 7), ou o “Discurso sopra la navigazione del mar Rosso” de Giovanni Battista Ramusio (n. 29), ou ainda, em algumas ocasiões, o *Roteiro do Mar Roxo* de D. João de Castro (n. 14), são indirectamente utilizados para exibição de erudição. Isto é, Diogo do Couto apropria-se de citações eruditas incluídas nestas obras, e em algumas outras, incluindo essas referências livrescas no texto das *Décadas* como se de leituras suas se tratasse.
- e) Finalmente, em muitos casos, Diogo do Couto apropria-se de largos trechos de obras alheias, incorporando-os nas suas crónicas orientais de forma mais ou menos trabalhada, umas vezes limitando-se a copiar o original, outras vezes redigindo novas versões com idêntico conteúdo. Assim, encontram-se nas páginas das *Décadas* indícios seguros da utilização de obras impressas como: a Verdadeira Informação do Pe. Francisco Álvares (n. 1); o *Tratado das batalhas e sucessos do galeão Santiago* de Melchior Estácio do Amaral (n. 2); a *Breve relação*, também sobre as coisas da Etiópia, preparada pelo pseudo-patriarca João Bermudes (n. 8); o relato da *Jornada do Arcebispo* de Frei António de Gouveia (n. 21); a anónima *Historia da muy notavel perda do Galeão grande sam João* (n. 22); a relação do *Naufragio da nao S. Alberto* de João Baptista Lavanha (n. 23); a *Ethiopia Oriental* de Frei João dos Santos (n. 33); o *Itinerario* de António Tenreiro (n. 34). Mas o cronista recorreu também a títulos manuscritos, cujos originais ou cópias teriam chegado às suas mãos, pois, entre outros textos, utilizou seguramente dois roteiros de D. João de Castro (ns. 13 e 14) e um roteiro de Francisco Gali (n. 18).

Valerá a pena salientar, porém, que, no que toca a *literatura de viagens*, a obra de consulta básica de Diogo do Couto, foi sem qualquer dúvida a monumental colectânea organizada por Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, que foi publicada em Veneza entre 1550 e 1559, em três grossos volumes, que em anos seguintes foram regularmente reimpressos e ampliados. O nosso cronista possuía decerto esta valiosí-

sima compilação, que teve o mérito de juntar pela primeira vez, em tradução italiana, um alargado conjunto de textos de origens muito diversas, pois nas suas *Décadas da Ásia* utiliza nada menos de 21 títulos nela incluídos. É muito provável que dispusesse da 2ª edição do primeiro volume (1554), da 3ª edição do segundo volume (1583) e da 1ª edição do terceiro volume (1556), como permitem concluir as regulares remissões para estas obras e edições que se encontram espalhadas um pouco por toda a sua produção cronística. Diogo do Couto recorre à colectânea ramusiana fundamentalmente com dois propósitos: como fonte de remissões eruditas para autores clássicos e medievais; e como fonte de notícias sobre as regiões orientais em períodos anteriores à chegada dos portugueses àquelas partes. A excepção mais importante será o relato do padre Francisco Álvares sobre o reino do Preste João (n. 1), que é utilizado de forma mais sistemática e exaustiva.

É tempo de concluir esta curta viagem pelas *Décadas* coutianas, a qual pretendeu salientar algumas das íntimas relações intertextuais existentes entre o projecto historiográfico de Diogo do Couto e a *literatura de viagens* disponível no seu tempo. A listagem apresentada poderá evidentemente pecar por defeito. Mas é um ponto de partida. Por um lado, conhecemos agora melhor algumas das fontes em que se baseou o laborioso autor no seu trabalho cronístico, já que em muitos casos se limitou a copiar, a adaptar ou a reordenar textos previamente existentes. O que muito nos esclarece sobre os seus métodos de trabalho intelectual. Por outro lado, conhecemos alguns dos seus hábitos de leitura e alguns dos títulos que mais amiúde frequentou, já que muitos deles são repetidamente citados ao correr das *Décadas da Ásia*. Estas leituras, parece lícito concluir, seriam também leituras de outros portugueses do seu tempo, circunstância que nos permite conhecer um pouco melhor esse mundo intelectual longínquo e nebuloso.

Como última ressalva, poder-se-á sublinhar que não devemos cair na anacrónica tentação de criticar Diogo do Couto pela forma quase obsessiva com que incorporou textos de outros autores nas suas próprias obras. Tratava-se, no fim de contas, de um processo bastante convencional de *fazer história*, pois ninguém no seu tempo esperaria encontrar uma prosa absolutamente original numa crónica de feitos militares e náuticos. Tal fora durante muito tempo o método de trabalho de sucessivos historiógrafos. As funções do *cronista*, no fim de contas, ligavam-se mais à selecção e à compilação dos materiais disponíveis, e também à ordenação desses materiais de uma forma lógica e cronológica. A arte do cronista exprimia-se tanto na habilidade de reunir, por todos os

meios, um vasto fundo documental, como na capacidade de sintetizar as fontes escolhidas num discurso próprio e coerente.

Diogo do Couto parece ter exercido o seu mester com grande persistência, com consumada habilidade e com razoável honestidade. Por um lado, pudemos constatá-lo, recolheu uma ampla variedade de materiais para a elaboração das suas *Décadas*. Por outro lado, sintetizou convenientemente as suas fontes, se exceptuarmos alguns descuidos atribuíveis às circunstâncias concretas em que trabalhava. Evidentemente, a utilização sistemática de materiais alheios, que muitas vezes nem sequer eram desbastados, privou as *Décadas* de unidade formal e ideológica, já que em muitas páginas coutianas é possível encontrar tomadas de posição contraditórias em relação a situações concretas ou a problemas conjunturais. Contudo, graças ao seu incansável labor, Diogo do Couto conseguiu preservar uma larga porção da *memória luso-oriental*, evitando que muitos textos dispersos desaparecessem para sempre na voragem do tempo e dos elementos. E só por isso mereceria um lugar destacado na historiografia portuguesa.

Apêndice: A literatura de viagens nas *Décadas da Ásia*

Os números remetem para a década, livro, capítulo / década, capítulo onde cada título é citado e/ou utilizado, sendo as referências duvidosas estão assinaladas com (?).

1. Álvares, Francisco – “Viaggio fatto nella Etiopia”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 1, Veneza, 1550, fls.204v-274v [1ª edição: *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*, Lisboa, 1540]. Referências: 4,1,4-5; 4,1,10; 5,7,10-11; 7,1,1; 7,1,8.
2. Amaral, Melchior Estácio do – *Tratado das batalhas e sucessos do galeão Santiago*, Lisboa, 1604. Referência: 11,28-31.
3. Anselmo da Lombardia – “Due Viaggi in Tartaria, per alcuni frati”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 2, 2ª edição, Veneza, 1574, fls. 225v-237v. Referência: 4,10,1.
4. Arriano de Nicomédia – “Navigatione di Nearcho”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 1, Veneza, 1550, fls. 290v-295v. Referência: 4,9,6.
5. Arriano de Nicomédia – “Navigatione del Mar Rosso”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 1, Veneza, 1550, fls. 305-309v. Referências: 4,1,7; 5,7,5-8; 6,4,1-4.

6. Aveiro, Frei Pantaleão – *Itinerario da Terra Sancta*, Lisboa, 1593. Referência: 5,6,2 (?).
7. Barreiros, Gaspar – *Chorographia de alguns lugares*, Coimbra, 1561. Referências: 4,10,1 (?); 4,10,2; 5,6,2 (?).
8. Bermudes, D. João – *Breve relação da embaixada que o Patriarcha dom Ioão Bermudez trouxe do Emperador da Ethiopia, chamado vulgarmente Preste João*, Lisboa, 1565. Referências: 5,7,10-11 (?); 7,1,1.
9. Burroughs, Stephen – “Navigatione di Sebastiano Cabota”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 2, 3ª edição, Veneza, 1583, fls. 211v-219. Referência: 10,5,3.
10. Cardim, Gonçalo Soares – *Relação da jornada de D. André de Oviedo à Abissínia* (obra desconhecida). Referências: 7,4,4; 7,4,6; 7,7,4-6; 7,7,12; 7,8,9; 7,10,4; 7,10,6.
11. Cardoso, Manuel Godinho – *Relaçam do naufragio da nao Santiago*, Lisboa, 1602. Referências: 10,7,1-3 (?); 10,8,5-11 (?).
12. Castanhoso, Miguel de – *Historia das cousas que o muy esforçado capitão Dom Christovão da Gama fez nos Reynos do Preste João*, Lisboa (?), 1564. Referências: 5,7,10-11; 8, 5,7-8; 5,8,13-14; 5,9,4; 5,10,4.
13. Castro, D. João de – *Roteiro de Goa a Diu* (manuscrito; 1539). Referência: 7,3,10-11 (?).
14. Castro, D. João de – *Roteiro do Mar Roxo* (manuscrito; 1540). Referências: 5,7,5-9; 6,6,7-9.
15. Conti, Nicolo di – “Viaggio di Nicolo di Conti Venetiano”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 1, Veneza, 1550, fls. 365-371v. Referências: 4,3,1; 4,9,6.
16. Escalante de Alvarado, Garcia – *Relación* (manuscrito; Lisboa, 1548). Referência: 5,10,5 (?).
17. Gaetano, Juan – “Relazione de Iuan Gaetan”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 1, Veneza, 1550, fls. 403v-405v. Referência: 5,8,10.
18. Gali, Francisco – *Roteiro* (manuscrito; 1584). Referência: 10,5,3.
19. Giovio, Paolo – “Delle cose delle Moscovia”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 2, Veneza, 1559, fls. 131v-137. Referência: 5,1,13.
20. González de Clavijo, Ruy – *Vida del Gran Tamerlane*, Sevilha, 1582. Referências: 4,10,2 (?); 5,1,13; 6,5,5.
21. Gouveia, Frei António de – *Jornada do Arcebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Menezes as Serras do Malauar*, Coimbra, 1606. Referências: 7,1,1 (?); 7,1,2; 7,1,8; 7,10,5 (?); 12,3,1-3.
22. *Historia da muy notauel perda do Galeão grande sam João*, Lisboa, c.1555. Referências: 6,9,21-22.

23. Lavanha, João Baptista – *Naufragio da nao S. Alberto*, Lisboa, 1597. Referência: 11,22-26;
24. Matos, Gaspar Pires de – *Memória da jornada de Chitor* (obra desaparecida). Referência: 4,9,3;
25. *Naufragio da viagem que fez a nao Santa Maria da Barca*, Lisboa, 1566. Referências: 7,5,2; 7,8,1 (?).
26. Odorico de Pordenone – “Viaggio del Beato Odorico da Udine”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 2, 2ª edição, Veneza, 1574, fls. 237v-245. Referência: 4,10,1.
27. Pinto, Fernão Mendes – *Peregrinação*, Lisboa, 1614. Referências: 5,5,9 (?); 6,1,3 (?); 7,2,5-6 (?).
28. Polo, Marco – “Viaggi di Messer Marco Polo”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 2, Veneza, 1559, fls. 2-60v [1ª edição portuguesa: *Marco Paulo*, Lisboa, 1502]. Referências: 4,3,1-4; 4,3,2-4 (?); 4,10,1; 12,5,7.
29. Ramusio, Giovanni Battista – “Discorso sopra la navigazione del mar Rosso”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 1, Veneza, 1550, fls. 302v-305. Referência: 10,7,13-14.
30. Reimão, Gaspar Ferreira (?) – *Relação do naufragio da nau S.Tomé*, in Bernardo Gomes de Brito, *História Trágico-Marítima*, volume 2, Lisboa, 1736 [Obra atribuída a Diogo do Couto]. Referência: 11,1-4.
31. *Relação do naufrágio da nao Conceição*, Lisboa (?), c.1595. Referência: 7,2,7-11; 7,3,1-4.
32. Sande, Pe. Duarte de – *De Missione Legatorum Japonensium ad Romanam Curiam*, Macau, 1590. Referência: 10,4,4-11.
33. Santos, Frei João dos – *Ethiopia Oriental e vária história de cousas notaveis do Oriente*, Évora, 1609. Referências: 7,1,8; 7,4,5; 9,21-23; 9,25; 10,6,14; 11,5-12 (?); 11,15-21; 11,27; 11,32; 12,4,12-13.
34. Tenreiro, António – *Itinerário*, Coimbra, 1560. Referência: 4,5,7 (?).
35. Varthema, Ludovico – “Itinerario”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 1, Veneza, 1550, fls. 159-188v. Referências: 6,5,5 (?); 10,7,15-18.
36. Vásquez de Coronado, Francisco – “Summario di Lettere”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 3, Veneza, 1556, fls. 354-355. Referência: 10,5,3.
37. Vespúcio, Américo – “Sommario scritto per Amerigo Vespucci Fiorentino di due sue navigazioni”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 1, Veneza, 1550, fls. 140v-143v. Referência: 12,1,15.

38. *Viagem e naufragio da Nao sam Paulo*, Lisboa, 1565. Referência: 7,9,16 (?).
39. “Viaggio scritto per un Comito Venetiano”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 1, Veneza, 1550, fls. 296-302v. Referências: 5,2,7; 5,3,5; 5,5,4.
40. Zeno, Caterino -- “Commentarii del Viaggio in Persia”, in Giovanni Battista Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, volume 2, 2ª edição, Veneza, 1574, fls. 211v-221v. Referências: 4,8,14 (?); 5,1,13.